

Parte 2 - Processos educacionais e comunicacionais para formação do profissional de Comunicação

Práticas pedagógicas no ensino de assessoria de comunicação em universidades públicas: UFPel e Unipampa

Elisa Lübeck Terra
Carmen Abreu
Marislei Ribeiro

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

TERRA, EL., ABREU, C., and RIBEIRO, M. Práticas pedagógicas no ensino de assessoria de comunicação em universidades públicas: UFPel e Unipampa. In: NAGAMINI, E., org. *Questões teóricas e formação profissional em comunicação e educação* [online]. Ilhéus, BA: Editus, 2015, pp. 221-234. Comunicação e educação series, vol. 1. ISBN 978-85-7455-439-6. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Práticas pedagógicas no ensino de assessoria de comunicação em universidades públicas: UFPel e Unipampa¹

Elisa Lübeck Terra²

Carmen Abreu³

Marislei Ribeiro⁴

Introdução

No mundo globalizado contemporâneo, pautado pela utilização das tecnologias de informação e comunicação, a construção do saber requer ações que induzam o professor e o aluno a buscar novos processos de investigação e pesquisa, bem como recorrer às ferramentas disponíveis. Nesse sentido, as mudanças tecnológicas desafiam o professor, principalmente na universidade, a procurar e selecionar outras formas de ensinar e aprender.

Conseqüentemente, por meio de experiências vividas e trocas culturais e sociais no contexto professor-aluno, professor-professor, aluno-aluno, espera-se contribuir para o incremento do ensino da comunicação, em especial nos cursos de Jornalismo e Relações Públicas, com o propósito de construir, integrar e desenvolver saberes, mediante a adoção de metodologias integradas e inovadoras.

1 Trabalho originalmente apresentado no GP Comunicação e Educação, Congresso INTERCOM, Rio de Janeiro, 2015. Texto atualizado para esta publicação.

2 Doutora em Educação nas Ciências na UNIJUÍ. Professora Assistente do Curso de Relações Públicas com Ênfase em Produção Cultural da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). E-mail: elisaterra@unipampa.edu.br.

3 Doutoranda em Ciências da Comunicação pela Unisinos, professora da Unipampa. Mestre em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: carmenabreug@gmail.com.

4 Doutora em Comunicação Social pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação/FAMECOS/PUCRS. Professora Adjunta do Curso de Jornalismo da UFPel. E-mail: marislei.ribeiro@cead.ufpel.edu.br.

Sendo assim, neste artigo, iremos discorrer sobre a execução dos projetos de Assessoria de Comunicação, permitindo articular teoria e prática, bem como abordar questões fundamentais para a formação do profissional de Jornalismo e de Relações Públicas.

A Educação Universitária na Contemporaneidade

A universidade, como uma instituição que deve estar aberta ao diálogo, tem o desafio de encontrar soluções concretas para o presente e o futuro, buscando atender às novas necessidades da sociedade, ou seja, preparar profissionais, levando em conta a real demanda social, com senso de justiça, visão humanística e solidária, ética e criatividade. Para Almeida e Pimenta (2011), os professores universitários são os principais responsáveis pela capacitação desses profissionais, tendo a tarefa de não só repassar conteúdos, mas também de desenvolver o caráter formativo necessário a um convívio social harmonioso.

Nessa perspectiva, a universidade necessita constituir-se numa entidade estimuladora da criatividade, na qual a análise, a investigação, a reflexão e o questionamento em geral venham a proporcionar inovações significativas em sua comunidade e em seu entorno. Para tanto, faz-se necessário que os docentes facilitem e sejam mediadores da mais ampla circulação de ideias, projetos, programas e atividades integradoras que caracterizam a complexidade e a multiplicidade do saber atual. Por consequência, os professores universitários precisam acompanhar os avanços científicos e tecnológicos, tentando repassá-los de maneira a interagir com o mundo real que se tem hoje e com as incertezas futuras.

Conforme Formosinho (2011, p. 143): “a universidade não exige apenas que se ensine e se investigue, mas que haja uma interação entre a pesquisa e o ensino de modo que os conhecimentos obtidos pela pesquisa possam ser incorporados ao ensino”. Nesse sentido, as pesquisas e práticas acadêmicas irão contribuir para a qualificação, melhoria e renovação do processo de ensino-aprendizagem. Mediante a interação professor-aluno, a teoria estará articulada à prática, com uma maior capacidade de contextualizar a aplicação dos conhecimentos, a valorização de trocas de experiências e a pesquisa no âmbito acadêmico.

Morin (2001) sustenta que, se somos seres simultaneamente físicos, biológicos, sociais, culturais, psíquicos e espirituais, evidentemente a

complexidade é aquilo que tenta articular a identidade e a diferença desses aspectos ao unificá-los por uma redução mutilante. De acordo com essa linha de pensamento, cabe à universidade oportunizar estudos que abordem a complexidade dos saberes numa visão mais ampla e mais profunda, afastando-os da fragmentação e englobando-os em atividades diversificadas que se complementam e se integram nas múltiplas dimensões epistemológicas.

Apesar dessa missão universitária, no cotidiano acadêmico, percebe-se que o ensino separa e isola conhecimentos, desviando os objetos de seus contextos e dividindo a realidade em disciplinas, sem estabelecer uma intercomunicação, embora existindo laços e possibilidades de interação entre as diversas áreas do saber. Morin (2006, p. 12) destaca que “o conhecimento torna-se cada vez mais pertinente quando é possível encaixá-lo num contexto mais global. Em contrapartida, se temos um conhecimento muito sofisticado, mas que é isolado, somos conduzidos ao erro e à ilusão”.

No centro de todos os saberes, encontra-se a comunicação, a qual possibilita que a dialética seja substituída pela dialógica, a partir da articulação do simples com o complexo, da ordem com a desordem, do separável com o inseparável. Assim, serão separadas as especializações estanques, as quais distanciam os diferentes campos da pesquisa e impedem a sua conexão. Por essa razão, Morin (Ibidem) insiste na tentativa do salto em direção ao novo, no abandono das certezas teóricas e na busca de novos paradigmas científicos.

Com outras propostas de ensinagem, a educação se tornará mais ampla e mais profunda, não se diluirá, nem irá fragmentar o conhecimento em parcelas, uma vez que será mais abrangente e mais capaz de interpretar criativa e criticamente crises e problemas não só contemporâneos, mas também futuros. Em vista disso, o sistema educativo universitário deverá cada vez mais vincular a teoria às práticas profissionais.

Reunindo o pensamento plural, multidimensional, haverá aproximações e distinções numa perspectiva do termo *complexus* no seu sentido original: tecido junto. Essa é a reforma do pensamento universitário e a melhor ferramenta para romper com velhos dogmas, bem como aceitar a complexidade e as incertezas, tanto em escala local e regional quanto na esfera planetária.

É necessária e importante, na educação universitária, a participação cooperativa de alunos e professores no processo de inclusão na comunidade em que cada instituição está inserida. Isso ocorre a partir da criação e difusão cultural, estímulo à pesquisa, colaboração na formação continuada de profissionais, expansão e interação de saberes, experiências culturais, técnicas e

científicas. Esses aspectos supõem a inclusão solidária dos envolvidos no sistema educativo ao possibilitar a concretização de melhorias sociais, culturais e econômicas, capazes de assegurar a dignidade da pessoa humana (LDB, 1996).

Na sociedade planetária, torna-se relevante uma ação docente diferenciada da praticada tradicionalmente nos meios acadêmicos. Almeida e Pimenta (2011, p. 24) sustentam que,

na docência, como profissional que realiza um serviço à sociedade, o professor universitário precisa atuar de forma reflexiva, crítica e competente no âmbito de sua disciplina, explicitando seus sentidos, seu significado e sua contribuição no percurso formativo dos estudantes e no projeto político-pedagógico dos cursos, coletivamente definido e vivenciado no cotidiano do ensino e da pesquisa.

Essa competência leva em conta que a atuação docente necessita resultar da convergência e articulação entre as dimensões científica, investigativa e pedagógica. Sendo assim, o docente precisa estar preparado para elaborar projetos inovadores e planejar aulas com metodologias e estratégias didáticas, a fim de acompanhar e avaliar o desempenho não só intelectual dos alunos, mas também a sua prática interativa e integradora. Consequentemente, compete ao educador disponibilizar-se para as mudanças exigidas pela sociedade planetária.

Sua conduta e sua atuação profissional irão caminhar em direção a uma prática educativa comunicacional. Também, o perfil do professor não será construído no vácuo, mas na sua relação com os alunos, enquanto sujeitos comunicantes, capazes de aplicar as modernas tecnologias da informação e da comunicação, colocando a educação formal num patamar de contemporaneidade (PENTEADO, 1998). Desse modo, o professor transmissor de informações tende a ser substituído por um docente capaz de guiar e orientar o aluno para a sua função de agente da própria aprendizagem. Nesse cenário, a educação superior deverá também levar em conta aspectos formativos ao incluir mais habilidades, competências e atitudes nos seus currículos e nas práticas, tanto em sala de aula, quanto para além do mundo acadêmico.

De acordo com essa linha de pensamento, vale lembrar as palavras de Paulo Freire (1998) ao afirmar que faz parte da atuação do educador aceitar riscos e assumir-se como profissional. Com isso, criam-se condições para que o aluno possa engajar-se em experiências, comprometendo-se como ser social. Por essa razão, professores/pesquisadores têm sido chamados a trabalhar em parceria com a comunidade, proporcionando aprendizados que se realizam num processo globalizado.

Por consequência, a educação avançará mais. Sabendo os educadores adaptar os programas às necessidades dos alunos, serão estabelecidas conexões com o cotidiano, e a sala de aula se transformará em uma comunidade de investigação na qual as contribuições serão valorizadas e desenvolvidas em conjunto. Para tanto, será indispensável traçar linhas de ação pedagógica que norteiem atividades individuais e coletivas, oportunizando a seleção de informações em espaços menos rígidos de formação profissional.

Para Morin (2000, p. 29),

a aquisição da informação, dos dados, dependerá cada vez menos do professor. As tecnologias podem trazer, hoje, dados, imagens, resumos de forma rápida e atraente. O papel do professor – o papel principal – é ajudar o aluno a interpretar esses dados, a relacioná-los, a contextualizá-los.

Portanto, ensinar e aprender requerem, no mundo contemporâneo, muito mais flexibilidade no espaço e no tempo. Sendo assim, cabe ao professor ajudar os alunos a construir um referencial rico de conhecimentos, o qual proporcione caminhos direcionados a práticas que se afastem dos paradigmas convencionais de ensino e preparem-nos para uma atuação interativa na sociedade.

Educação interativa e tecnologias

A atuação do professor baseia-se na formação e na transformação simultânea dos sujeitos e de seus entornos. Não basta o docente adotar as tecnologias como uma ferramenta de ensino com o propósito de ministrar aulas cada vez mais interessantes e ilustradas por exposições multimídia, o que importa é “mudar o paradigma educacional e concentrar-se na criação, na gestão e na regulação de situações de aprendizagem” (PERRENOUD, 2000, p. 139).

Conforme Perrenoud (2000), não mais se pode pensar numa pedagogia sem estar consciente das transformações provocadas pela informática em relação às práticas de leitura e escrita. Da mesma forma, o educador que se preocupa com a aplicação dos saberes à vida para além da universidade precisa adquirir um domínio básico das tecnologias, para que o aprender se torne mais relevante do que ensinar.

Com o uso das tecnologias, é possível reforçar a contribuição dos trabalhos didáticos, porque elas permitem criar situações de aprendizagem

ricas, complexas e diversificadas, uma vez que a informação e a dimensão interativa são assumidas pela comunidade aprendente. Como ponto de partida, os dados obtidos nessas ferramentas podem transformar-se em conhecimento para a vida, desde que o professor os utilize como estímulo para o aluno ter autonomia na construção e reconstrução do conhecimento.

Nessa perspectiva, as tecnologias estão presentes nas atividades práticas do mundo do trabalho e tornam-se vetores de experiências do cotidiano. Além do mais, as ações midiáticas carregam consigo uma dimensão socializadora ao promoverem uma rede social complexa.

Outro aspecto relevante da atuação docente universitária refere-se à prática pedagógica aliada à crítica, o que facilita a formação dos futuros profissionais e um desempenho no sentido de uma educação integral, ou seja, mais completa. Consequentemente, faz-se necessário analisar o processo educativo atual, sobretudo quanto à socialização das novas gerações, tornando-as capazes de construir identidades sociais e culturais, produtoras de referências e de valores humanizantes.

Então, a perspectiva é a de criação de universidades nas quais o aprendizado seja reflexivo, crítico e criativo. Com base nas experiências pessoais dos acadêmicos, o educador poderá priorizar as trocas que propiciam o autoconhecimento e o conhecimento coletivo, de modo que cada um desenvolva suas competências (MORIN, 2000).

Conforme afirmam Pimenta e Almeida (2011, p. 175), cabe ao professor o papel de orientador da aprendizagem por meio de processos coletivos. “Essa proposta pressupõe um alargamento do espaço de ensino para além da sala de aula; pressupõe um trabalho que integra saberes de diferentes origens; de diferentes disciplinas; de diferentes espaços; pressupõe a pesquisa e a extensão”. Assim, a sala de aula sai dos muros acadêmicos universitários e considera a construção de conhecimentos, por meio da mediação, da criatividade, da prática dialógica, da ressignificação de saberes e dos processos emocionais, afetivos e sociais.

Dessa maneira, é possível refletir sobre a articulação entre educação e tecnologia, uma vez que o sistema educativo está em permanente estado de transformação, de modo especial nos últimos anos. Em síntese, cabe ressaltar que as estratégias de aprendizagem e ensino precisam adaptar-se à nova realidade, já que os mecanismos de transmissão e os agentes transmissores não são mais os mesmos, nem as oportunidades e os espaços. Logo, os educadores farão a transição nas formas de lidar com o conhecimento e a informação nos meios educativos, especialmente, nos acadêmicos.

Comunicação Organizacional – funções, atribuições e contribuições

Com relação à Comunicação Organizacional, pode-se dizer que ela é aquela que ocorre dentro de todas as organizações e envolve todo o processo de comunicação das mesmas com seus mais diversos públicos. Para Margarida Kunsch (2003), a Comunicação Organizacional abrange a comunicação institucional, a comunicação mercadológica, a comunicação interna e a comunicação administrativa, mas destaca:

Trata-se, na verdade, da comunicação “corporativa”, que no Brasil, em grande parte, ainda se chama de comunicação “empresarial”. Ao nosso ver, o termo comunicação “organizacional”, que abarca todo o espectro das atividades comunicacionais, apresenta maior amplitude, aplicando-se a qualquer tipo de organização – pública, privada, sem fins lucrativos, ONGs, fundações, etc., não se restringindo ao âmbito do que se denomina “empresa” (KUNSCH, 2003, p.150).

No que se refere ao conceito da Comunicação Organizacional ou Empresarial, Francisco Gaudêncio Torquato do Rego (1986, p. 114) afirma que:

a Comunicação Empresarial não envolve apenas as formas, os recursos e os canais de comunicação coletiva – Relações Públicas, Jornalismo, Propaganda, Editoração, Identidade Visual, sistemas de informação. Abarca as comunicações humanas, interpessoais, grupais. Abrange as comunicações administrativas – os fluxos, as redes, o volume de papéis normativos, os climas sócio organizacionais. Integrar tais circuitos, torná-los sinérgicos – é a principal estratégia dos novos tempos.

Dentro da perspectiva da Comunicação Organizacional está a comunicação integrada, ou seja, a sinergia de todas as áreas da Comunicação, respeitando as suas peculiaridades, baseando-se em uma política global, definida com ações estratégicas de comunicação. Para Lattimore (2012), os departamentos de comunicação das corporações geralmente cuidam das relações com a mídia, da gestão de crises, do assessoramento da administração superior sobre questões de reputação e gestão de longo prazo, mas trabalhos como mídia, publicidade de produtos, gestão de eventos e algumas ações de relações com a comunidade costumam ser terceirizados.

Lattimore (2012) também destaca que, com os novos mercados globais e uma constante cobrança com relação à responsabilidade organizacional, algumas funções dos profissionais de comunicação estão mudando, tais

como: das assessorias externas ao consultor de comunicação interno; da comunicação unidirecional à comunicação bidirecional e à interação; do apoio ao marketing à comunicação integrada; do programa ao processo; do artesão da mídia ao planejador de comunicação; dos itens de curto prazo ao desenvolvimento de relações de longo prazo; de bombeiros a gestores de crises; da manipulação ao entendimento, negociação e compromisso.

Usando a comunicação bidirecional, os profissionais agora esperam que suas iniciativas de comunicação resultem em ganhos de conhecimento, entendimento e outros efeitos cognitivos de ordem superior que tenham maior probabilidade de servir de base para relações de longo prazo. Como os princípios de comunicação bidirecionais implicam que cada grupo ou lado entenda o ponto de vista do outro, o processo tem maior probabilidade de levar à negociação, ao compromisso e a uma série de resultados em que todos tenham a ganhar (LATTIMORE, 2012, p. 378).

Nesse sentido, o assessor de imprensa/comunicação necessita compreender a relevância de sua função comunicacional, sendo ético e levando em conta que se trata de uma atividade em crescente expansão. Ele desempenha um importante papel de intermediação no relacionamento com os outros meios de comunicação, possuindo as ferramentas necessárias para interagir junto aos mais diversos públicos. Por isso, não é somente um facilitador, mas, principalmente, um agente de mudanças que seleciona e avalia temas relevantes para seu assessorado, com o propósito de transformá-los em notícias ou outro tipo de material de divulgação.

Portanto, para que a atuação desse profissional se desenvolva de forma eficaz e criteriosa, é preciso uma constante atualização por meio da formação continuada. Isso porque a assessoria de comunicação é um campo que exige resultados concretos em relação à melhoria da reputação do assessorado, que busca os serviços dos assessores em função de uma realidade de acirrada concorrência e de ampla liberdade de opinião e comunicação. Sendo assim, torna-se indispensável criar para a organização uma imagem pública consolidada e sustentável.

A atividade de assessoria de comunicação é fundamentada no planejamento. E, segundo Kunsch (2003), um processo de planejamento é composto por doze etapas independente da área ou situação: identificação da realidade situacional; levantamento de informações; análise dos dados e construção de um diagnóstico; identificação dos públicos envolvidos; determinação de objetivos e metas; adoção de estratégias; previsão de formas

alternativas de ação; estabelecimento de ações necessárias; definição de recursos a serem alocados; fixação de técnicas de controle; implantação do planejamento; e avaliação dos resultados.

Procedimentos Metodológicos

Com o intuito de vincular as teorias estudadas à prática profissional, as autoras deste texto propuseram, nas disciplinas de Assessoria de Imprensa e de Assessoria de Comunicação, ministradas respectivamente nas Universidades Federais de Pelotas e do Pampa, que os acadêmicos se dividissem em grupos para elaborar um projeto de Assessoria de Comunicação que seria executado em organizações com ou sem fins lucrativos.

Visando à integração entre as práticas a serem desenvolvidas nas disciplinas, as docentes mantiveram o diálogo e a discussão sobre os conteúdos e ações desenvolvidos nas disciplinas. Vale destacar que uma das preocupações do trabalho integrado foi em relação à observação permanente de que as universidades apresentam grande diversidade e particularidades, e isso precisa ser respeitado. Uma das questões que une os cursos de Jornalismo, 2009, e Relações Públicas, 2010, destas instituições é seu pouco tempo de funcionamento. Neste sentido, seus currículos e ementas estão atualizados e visam à formação de egressos que, entre outras habilidades, saibam refletir sobre a variedade e mutabilidade de demandas sociais e profissionais, contemplando problemáticas decorrentes da globalização, das tecnologias de informação e comunicação, do desenvolvimento sustentável e de cidadania, necessárias à sua atuação.

Neste sentido, foram trabalhados nas disciplinas os conteúdos teóricos concernentes às atividades, atribuições e funções do assessor de comunicação, bem como os instrumentos e ferramentas utilizadas por este profissional em sua atuação. Uma das principais responsabilidades da assessoria de comunicação é o relacionamento com os veículos de comunicação social, abastecendo-os com informações relativas ao assessorado (através de releases, *press-kits*, sugestões de pautas e outros produtos), intermediando relações de ambos e atendendo às solicitações dos jornalistas de quaisquer órgãos de imprensa (FERRARETO; KOPPLIN, 2000).

Após a etapa teórica, cada grupo apresentou sua proposta de trabalho a uma empresa ou instituição na qual iria desenvolver diferentes atividades e ferramentas de comunicação. Cada grupo iniciou seu trabalho com a

realização dos diagnósticos de comunicação das empresas ou instituições. A partir da elaboração dos diagnósticos, foram discutidas as estratégias de trabalhos e feitos os planos de ação para implementar os procedimentos, com vistas a uma melhor comunicação entre os públicos, clientes e imprensa.

Com relação aos objetivos, buscou-se despertar nos acadêmicos a compreensão do papel do profissional de comunicação no exercício da função de Assessor de Comunicação, enquanto ação estratégica, ligada ao processo de comunicação de uma organização e do gerenciamento da mesma com seus diversos públicos. Também, pretendeu-se promover, gerenciar e administrar uma interface de comunicação entre fonte/assessorado/públicos, possibilitando trocas comunicacionais, além de fortalecer a imagem institucional da empresa/instituição por meio da veiculação de informações de caráter jornalístico de interesse para a comunidade em geral ou para públicos especializados nas mídias.

Para a consecução dos objetivos, levando em conta os diagnósticos, cada grupo estudou e pesquisou instrumentos, ferramentas e estratégias de ação que pudessem ser aplicados de acordo com a realidade organização/instituição. Dessa forma, as ações empreendidas seguiram um cronograma, sendo executadas sob a supervisão das autoras deste trabalho.

Breve comentário acerca dos trabalhos realizados pelos acadêmicos

Cada um dos grupos, depois de executados os projetos, elaborou um relatório e apresentou, oralmente e com o auxílio de recursos audiovisuais, relatos e comentários sobre as atividades desenvolvidas em cada organização/instituição, enfatizando o significado e a importância da realização dessa tarefa teórico-prática. A apresentação foi feita em sala de aula, contando com a presença dos colegas, do professor responsável pela disciplina e de professores convidados para fazer a avaliação do desempenho dos acadêmicos envolvidos nesse projeto.

Todos os grupos, além de utilizar os instrumentos próprios de Assessoria de Comunicação, como release, *press-kit*, *mailing list* e *clipping*, também trabalharam com redes sociais, criaram sites e vídeos institucionais, realizaram eventos, objetivando angariar parcerias, divulgar as ações desenvolvidas pelas organizações/instituições e realizar promoções de acordo com as datas comemorativas do semestre.

A experiência de Assessoria de Comunicação foi tão significativa e proveitosa para os acadêmicos e para as organizações envolvidas que alguns grupos foram convidados a continuar desenvolvendo essa função como voluntários e outros como estágio remunerado. Isso foi divulgado nos cursos e trouxe repercussões positivas para o contexto universitário, ao evidenciar que a Universidade, dialogando com a sociedade e a ela prestando seus serviços, viabiliza uma maior integração com diferentes públicos e realiza a difusão das ações prestadas.

Alguns grupos, observando as necessidades e carências das organizações sem fins lucrativos, promoveram eventos na comunidade e no ambiente acadêmico. O objetivo era buscar um número maior de apoiadores e mais incentivos e estímulos a essas instituições que empreendem trabalhos comunitários/sociais, nem sempre socializados ou propagados.

Outro aspecto a ser considerado foi a visibilidade dada às diferentes instituições escolhidas, uma vez que a maioria delas não possui Assessoria de Comunicação nem condições para contratar serviços de comunicação de maneira formal e remunerada. Consequentemente, o canal de comunicação entre o assessorado e seus públicos estava defasado ou nem sequer existia. Portanto, com a execução destes projetos, as instituições contempladas tiveram a divulgação de uma imagem positiva e se tornaram mais conhecidas social e virtualmente. Para os alunos, esse tipo de experiência prática proporcionou mais uma oportunidade de demonstrar/desenvolver envolvimento, proatividade e responsabilidade.

Considerações Finais

No presente artigo, buscou-se registrar o trabalho executado por acadêmicos – de Jornalismo, da disciplina Assessoria de Imprensa, da Universidade Federal de Pelotas; e de Relações Públicas, das disciplinas Assessoria de Comunicação I e II, da Universidade Federal do Pampa (Campus São Borja) –, que vivenciaram formas diferenciadas de aprendizagem no ensino superior a partir da articulação entre as teorias estudadas e a prática cotidiana. A partir dos referenciais teóricos utilizados, percebeu-se a relevância da pesquisa de diferentes autores para que ocorram mudanças expressivas na área educacional, especialmente em nível universitário.

Nesse contexto, observou-se a importância de lançar desafios aos acadêmicos no sentido de aplicarem seus conhecimentos, instrumentos e

ferramentas de comunicação para além da academia, adotando tecnologias da informação e comunicação. Isso porque a educação formal não pode estar à margem dos avanços tecnológicos que perpassam os diferentes grupos sociais, necessitando repensar a sua lógica, a fim de acompanhar a velocidade com que as transformações acontecem.

Sendo assim, o sistema educativo necessita adotar o agir comunicativo como estratégia de formação de profissionais autônomos, críticos e criativos, tornando-se capaz de contemplar a complexidade da comunicação na efetiva atuação social. Foi por essa razão que se executou o projeto de Assessoria de Comunicação, cujos resultados demonstraram a importância do diálogo entre a Universidade e a comunidade na qual esta se encontra inserida.

A partir da realidade vivenciada pela sociedade, os cursos universitários precisam adaptar-se ao paradigma do conhecimento, promovendo mudanças nas suas metodologias, ritmos e modos de produzir e divulgar o saber. Ao incorporar novas tecnologias e diferentes formas de aprender, o ensino superior assume um posicionamento de crítica e compromisso que envolve todos os sujeitos num processo participativo. Todavia, participar de uma dinâmica de transformações não consiste em tarefa fácil, mas urgente, numa instituição cuja proposta é produzir conhecimentos contextualizados. Por esse motivo, a universidade carece permanentemente de desafiar a si própria e aos seus membros.

Essa é razão principal deste artigo, que expôs um trabalho levado a efeito por estudantes dos cursos de Jornalismo e Relações Públicas. Os objetivos atingidos explicitaram a pertinência desse tipo de prática. Essas atividades valorizaram as instituições e organizações locais ao demonstrarem que tais procedimentos necessitam ser incentivados, apoiados, cultivados, valorizados e socializados.

Referências

ALMEIDA, M. I. de. **Pedagogia Universitária: Caminhos para a formação de professores**. São Paulo: Cortez, 2011.

CARVALHO, C.; REIS, L. M. **Manual Prático de Assessoria de Imprensa**. Rio de Janeiro: Elsevier Editora, 2009.

DUARTE, J. (Org.). **Assessoria de imprensa e relacionamento com a mídia: teoria e técnica**. São Paulo: Atlas, 2002.

FERRARETO, L. A.; KOPPLIN, E. **Assessoria de Imprensa: teoria e prática**. 3ª edição. Porto Alegre: Sagra DC Luzzatto, 2000.

Federação Nacional dos Jornalistas. FENAJ. **Manual de Assessoria de Comunicação**. 4ª Edição. Revista e Ampliada. Brasília, 2007.

FORMOSINHO, J. Dilemas e tensões da atuação da universidade frente à formação de profissionais de desenvolvimento humano. In: PIMENTA, S. G.; ALMEIDA, M. I. **Pedagogia Universitária: caminhos para a formação de professores**. São Paulo: Cortez, 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. 9 Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

KUNSCH, M. M. K. **Planejamento de relações públicas na comunicação integrada**. 4ª ed. São Paulo: Summus, 2003.

LATTIMORE, D. et al. **Relações Públicas: profissão e prática**. 3ª ed. Porto Alegre: AMGH, 2012.

MORAN, J. M. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas, SP: Papyrus, 2000.

MAFEI, M. **Assessoria de Imprensa: como se relacionar com a mídia**. São Paulo: Contexto, 2004.

MORIN, E. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. São Paulo: Cortez, Brasília, Unesco, 2001.

_____. **Complexidade e Transdisciplinaridade: a reforma da universidade e do ensino fundamental**. Natal: EDUFRN, 2000.

- MORIN, E. Complexidade e ética da solidariedade. In: CASTRO, G. (coord). **Ensaio da Complexidade**. Porto Alegre: Sulina, 2006.
- PENTEADO, H. D. (Org.). **Pedagogia da Comunicação**. São Paulo: Cortez Editora, 1998.
- PERRENOUD, P. **Novas Competências para Ensinar**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- PIMENTA, S. G.; ALMEIDA, M. I. de. **Pedagogia Universitária: Caminhos para a formação de professores**. São Paulo: Cortez, 2011.
- REGO, F. G. T. do. Comunicação nas empresas modernas. In: **Comunicação Empresarial, Comunicação Institucional: conceitos, estratégias, sistemas, estrutura, planejamento e técnicas**. 6ª edição. São Paulo: Summus Editorial, 1986.
- SCROFERNEKER, C. M. A. Trajetórias teórico-conceituais da Comunicação Organizacional. In: **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, nº 31, dezembro de 2006. (p47-53). Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/famecos/article/view/1110/832>>. Acesso em 15 de jun. de 2015.